


MONTEIRO LOBATO DAS CRIANÇAS NO FUNDO RAUL DE ANDRADA E SILVA*

Patrícia Aparecida Beraldo Romano**

 <http://orcid.org/0000-0002-0550-8490>

Como citar este artigo: ROMANO, P. A. B. Monteiro Lobato das crianças no Fundo Raul de Andrada e Silva. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-21, jan./abr. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO15568

Submissão: agosto de 2021. **Aceite:** fevereiro de 2022.

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar parte dos resultados de pesquisa de pós-doutorado sobre cartas de crianças e jovens enviadas a personagens de Monteiro Lobato, a saber, Emilia e Dona Benta. Essa correspondência se encontra depositada no Fundo Raul de Andrada e Silva, pertencente ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), que agrega, dentre outros documentos, o conjunto dessa correspondência enviada a Monteiro Lobato entre os anos de 1932 a 1946. Para este artigo, será apresentada e analisada a carta da missivista Maria Luiza enviada à personagem Dona Benta e as respostas de Lobato a ela.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Personagens. Correspondência infantil. Dona Benta. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

* Este título remete à apresentação que se fez do conteúdo deste texto na Abralic 2022, no Simpósio intitulado “Monteiro Lobato em rede: medalhões, modernos, antimodernos, modernistas”, coordenado pelas professoras Dra. Milena Ribeiro Martins, Dra. Cízia Carla Bignotto e por mim. Ele também representa pequeno recorte do desenvolvimento de minha pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo (USP), e se encontra em fase de finalização.

** Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Marabá, PA, Brasil. E-mail: paromano@unifesspa.edu.br

PARA INÍCIO DE CONVERSA: MONTEIRO LOBATO E SEUS JOVENS MISSIVISTAS

Falar sobre Monteiro Lobato é embarcar numa viagem por lugares já navegados, mas sempre reveladores de novidades. Será que o prezado leitor que começa a ler este texto tem noção do quanto esse escritor nos legou de estudos e pesquisas não apenas por conta da vasta obra produzida, mas também por que nos deixou muitos arquivos com os mais diversos documentos preservados, hoje, em várias bibliotecas, sobretudo paulistas? Caso não tenha essa noção, pretendemos aqui dar alguns esclarecimentos sobre todo esse vasto material, tendo em vista o recorte de nosso trabalho. Pois, então, leitor aguçado agora pela curiosidade, preparado para conhecer um pouco mais desse Monteiro Lobato missivista e de seus leitores crianças e jovens que, com ele, se corresponderam? É um passeio fascinante. Esperamos que goste!

Para isso, é necessário que o leitor se recorde de que nosso Lobato sempre cultivou o hábito de escrever cartas. Desde muito jovem, passou a se corresponder com o amigo mineiro, Godofredo Rangel, e essa correspondência, que durou mais de 40 anos, foi publicada, em 1944, pelo próprio Monteiro Lobato, sob o título de *A Barca de Gleyre*. Importante ressaltar que nesse texto estão publicadas apenas as missivas de Lobato a Rangel. Apesar dos vários esforços do escritor taubateano para que o amigo publicasse também as dele, até hoje carecemos desse material que continua inédito e com algum familiar do amigo e escritor mineiro. Rangel foi instado a entregar as cartas, mas parece que preferiu mesmo não ceder aos insistentes pedidos de Lobato. Em carta de 28 de setembro de 1943, temos:

Ainda não posso dizer o que penso das cartas em livro. Só depois de tudo passado a máquina é que poderei examiná-las na ordem cronológica e ver se é leitura que prenda. O Edgard Cavalheiro e outros também as lerão – e então decidiremos. O mesmo farás com as tuas (LOBATO, 1956, p. 358, grifo nosso).

Na carta seguinte, de 27 de outubro de 1943, o escritor comenta sobre sua ideia primeira, já abortada:

Minha ideia no começo era dar as tuas [cartas] e as minhas juntas, articuladas, mas vi que isso iria estragar tudo. Para quem está de fora, tem muito mais interesse uma conversa telefônica da qual só ouve um lado; o fato de não ouvir o outro lado força mais a imaginação. Fica um imenso campo de colaboração aberto à imaginativa do auditor. Solto agora as minhas cartas a você e depois você solta as tuas a mim (LOBATO, 1956, p. 361, grifo nosso).

As cartas de Lobato são publicadas em 1944. Mas Rangel parece que perdeu, por algum motivo, o interesse (se houve em algum momento) de publicar as dele. Em 1945, em missiva de 26/12, o escritor paulista ainda insistiria: “E as cartas, meu Godo? Continuam a reclamá-las. Deixa-te de enjoamentos e organize-as, como fiz com as minhas. Todo comprador da Barca fatalmente comprará as tuas” (LOBATO, 1956, p. 373). Apesar de vaticinar o que muito provavelmente teria acontecido, Rangel nunca as entregou para serem publicadas, ao menos enquanto viveu.

Ao longo dos mais de 40 de anos de correspondência, o escritor paulista refletiu diversas vezes sobre a possível publicação das missivas. Para o leitor que se interessa por essas reflexões, Emerson Tin, no capítulo “*A Barca de Gleyre*: uma

raríssima ‘curiosidade’”, do livro *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*, com organização de Marisa Lajolo, apresenta diversas passagens sobre isso presentes nas cartas dessa obra. Para além delas, Tin (2014, p. 319-320) também traz trechos de teóricos que comentaram a publicação de *A Barca*, por ocasião de seu lançamento. Dentre esses teóricos, recuperamos excertos de Antonio Candido, num artigo-resenha presente na *Folha da Manhã*, em 10 de dezembro de 1944, logo após a obra ter sido dada a público

[...] Coube ao sr. Monteiro Lobato e ao sr. Godofredo Rangel tornar pública a primeira grande correspondência literária do Brasil. A parte do primeiro, já publicada; a do segundo, consta-me a sair¹.

“A Barca de Gleyre” é um documento precioso. Assistimos através das suas páginas toda a evolução do senhor Monteiro Lobato, desde 1903. Mais do que o homem Monteiro Lobato, porém, interessa-nos aqui o fenômeno literário. O fato de um escritor ter bastante consciência do seu papel e da sua posição de escritor para, vencendo pudores sem sentido, dar ao público um roteiro da sua vida. [...] As cartas do senhor Monteiro Lobato são um exemplo próximo e inspirador de dedicação infatigável e minuciosa ao ideal artístico. Até 1920, mais ou menos, predominam as cartas extensas, exclusivamente literárias; mais tarde vem o período dos negócios, dos projetos, das lutas; finalmente, as cartas de balanço e de recordação. Em todas elas, porém, o interesse pela literatura permanece vivo. As primeiras nos falam do aprendizado, longo e duro a que se submeteu o autor, trabalhando a sua prosa com uma pertinácia admirável. Vê-se por elas o que há de deliberado e de consciente nos intelectuais. Vê-se a revelação da sua consciência artística, exigente, apaixonada. E numa das últimas cartas (07/10/43)², depois de editoras, petróleo, ferros, comércios e indústrias, vem esta confissão emocionante: “Rangel, hás de estar estranhando o tom eufórico desta carta e pensarás que é o ferro ou o petróleo que vem vindo around the corner. Nada disso. É a perspectiva do encontro de Tia Nastácia com Isaac Newton que me põe de bom humor. Imagine a coitada lá pelos intermúndios escorregadios de um rabo de cometa, caindo de estrela em estrela e afinal apanhada por um par de braços. De quem? De “sir” Isaac Newton! [...] Adeus, Rangel. A literatura ainda é o meu consolo...

É preciso ler este livro para compreender o sr Monteiro Lobato no dinamismo de sua vida literária – homem complexo e instável, muito moderno para ser pasadista, muito ligado à tradição literária para ser modernista, ponto de encontro de duas épocas e duas mentalidades, símbolo da transição da nossa literatura, exemplo de labor intelectual e de consciência literária (CANDIDO, 1944, grifo do autor).

Como vemos pelas palavras de Candido, a coragem em publicar as cartas também fez jus ao homem e literato que foi Lobato ao se mostrar quase³ como um todo a seu público. É nas cartas que você, caro(a) leitor(a) nosso(a), e os pesquisadores de sua obra encontram discussões calorosas sobre a maneira de

1 Infelizmente, como já informado anteriormente, até o presente momento, não há notícias sobre a futura publicação dessas cartas. Possivelmente Candido se firma, na época, nas palavras de Lobato que convidava Rangel a publicar as dele depois das de Lobato, o que não ocorreu até hoje.

2 Na verdade, trata-se de carta de 7 de outubro de 1934. Candido provavelmente se confundiu e inverteu o ano.

3 Vale lembrarmos aqui que Lobato fez uma seleção das cartas, tendo evitado a publicação de algumas que, por algum motivo, ele julgou não ser interessante levar a público.

o escritor pensar não somente os assuntos sobre os quais se debruçou na vida, como o petróleo, o ferro, a política, a fazenda, o cenáculo, mas principalmente a literatura. É nelas que descobrimos muito do Lobato literato das suas composições contistas e também, o que aqui nos interessa, da concepção de sua obra infantil.

Se Candido quase se emociona com a confissão do escritor sobre um momento de criação de sua obra infantil, vale lembrarmos aqui que, logo na abertura de *A Barca*, Lobato (1956, p. 15) a dedica também a seus jovens leitores, na pessoa da menina *Marjori*, “a criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e me escrevem”. Sabe de quem se trata, caro(a) leitor(a)? Pois explicamos. Marjori Sundart foi uma jovem missivista de 12 anos que, ao saber que Lobato publicaria um livro de cartas, o nosso já brevemente comentado *A Barca de Gleyre*, arrisca-lhe pedir que ela seja incluída nesse livro comunicando a Lobato que sabia do projeto dele de publicar a correspondência com o amigo Rangel. Segundo Marjori, depois de receber algum tipo de esclarecimento sobre esse projeto e por meio de, provavelmente, um amigo de ambos, que ela chama na sua cartinha de “Seu Moacyr”, informa ao escritor que “essas cartas vão nos ensinar, a todos nós, pirralhos, a escrever quando crescermos e aparecermos”⁴. E Lobato atende ao pedido dela como, talvez, uma homenagem a todos seus leitores mirins que lhe escreveram e com ele dialogaram sobre sua obra infantil⁵ (DEBUS, 2004).

É justamente a esse conjunto de cartas de crianças e jovens enviadas a Monteiro Lobato que queremos chegar. Nosso escritor foi um missivista contumaz. Além de *A Barca de Gleyre*, foi publicada a correspondência esparsa que ficou no arquivo deixado a Edgard Cavalheiro e por ele dada a público, em 1959, em dois volumes intitulados *Cartas Escolhidas*. Além disso, Lobato se correspondeu com Anísio Teixeira e Fernando Azevedo. Boa parte das cartas trocadas com o primeiro, hoje, encontram-se reunidas em *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*, organizadas por Aurélio Vianna e Priscila Frainz (1986). Também se correspondeu com escritores famosos (tanto quanto ele) como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Lima Barreto. As trocadas com o último foram publicadas por Cavalheiro (2017) em *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*, em 1955 e, em 1917, ganharam nova edição, com notas de Valéria Lamego.

Além disso, o escritor de Taubaté escreveu cartas de teor comercial, com Charles Frankie. Elas foram minuciosamente estudadas por Kátia Chiaradia em sua tese de doutorado defendida em 2016, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e intitulada *Edição de textos fidedigna e anotada das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Charles Frankie (1934-1937): edição e estudo da correspondência entre Monteiro Lobato, Charles Frankie e alguns companheiros da Campanha Petrolífera, como Edson de Carvalho*. Houve ainda algumas de teor político trocadas com Getúlio Vargas, que acabaram rendendo a Lobato algum tempo na prisão; houve as de teor doméstico, com as irmãs, Judith e Teca (também com Heitor de Moraes, esposo de Teca) e com a sobrinha Gulnara; as de amor, com Purezinha, a esposa, compiladas por Cordélia Fontainha Seta, que

4 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP: CX 02, P01, doc. 29.

5 Essas informações sobre Marjory pertencem, com alguma modificação na reprodução aqui, ao texto de Eliane Debus (2004, p. 169-170), *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Parte desse parágrafo nosso também está publicado em forma de nota de rodapé no texto de minha autoria “Um baile de máscaras: cartas enviadas a personagens de Monteiro Lobato” (ROMANO, 2022, p. 80). Alguns outros parágrafos deste texto também tiveram pequenos trechos publicados anteriormente nesse Dossiê.

também fez o prefácio e as notas ao volume intitulado *Cartas de amor*⁶. Por fim, mas nada menos importantes, houve as mais de 200 cartas recebidas de crianças e jovens que, segundo Cavalheiro, no prefácio a *Cartas Escolhidas*, diria: “Mesmo as ingênuas cartas infantis mereciam-lhe carinhosa atenção” (LOBATO, 1969, p. 8). Sobre todas elas, Cavalheiro continua: “E em todas as suas respostas, das mais importantes às meramente protocolares, deixava a ‘marca’ inconfundível da sua personalidade, a graça de um estilo vivo, pitoresco, saboroso” (LOBATO, 1969, p. 8).

Essa correspondência, cerca de 246 missivas catalogadas, que se estendem de 1932 a 1946⁷, estão disponíveis no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) para serem consultadas e estudadas⁸. Apesar de ainda hoje sem uma edição delas dada para o público de forma geral, é possível encontrá-las reunidas em pastas e catalogadas por data. Estão todas preservadas e lê-las, caro leitor provavelmente já curioso, é abrir-se ao prazer de descobrir o que alguns dos pequenos leitores pensavam sobre as histórias infantis de Lobato, sobre seus desejos depois de finalizar as leituras ou mesmo de quase com eles compartilhar da alegria de ter recebido uma resposta do escritor e contar, para o próprio Lobato, em outra cartinha, sobre essa emoção vivida. Como leitores delas somos quase como um *flâneur* que desfila seus olhos por uma experiência andarilha nas páginas manuscritas ou datilografadas de um mundo de imaginação que também se reproduz nessas missivas. Com elas, leitor(a) amigo(a), é possível acreditar que, naquele momento, Lobato parecia ter concretizado um desejo expresso em uma carta a Rangel, de 7 de maio de 1926: “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar” (LOBATO, 1956, p. 293).

Marina de Andrada Procópio de Carvalho foi a amiga de Lobato que dele recebeu, antes de sua partida para a Argentina, em 1946, o acervo dessas missivas de crianças e jovens. Em carta-bilhete presente no Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP, podemos ler:

Marina,

Hoje, 11 de maio de 1946, passei a manhã destruindo papéis velhos. Encontrei um antigo caderno de notas, que só eu entendo – e tive a ideia, em vez de destruí-lo, de dá-lo à boa amiga, como curiosidade. E bati esta cópia das notas, com algumas observações esclarecedoras. Nessas notas aparecem os germes de várias coisas que escrevi – inclusive o “começo” de Narizinho – o olho d’água da minha literatura infantil. É um caderno documento.

Monteiro Lobato⁹

6 Há também, sobre a correspondência com Purezinha, o texto organizado e apresentado por Marisa Lajolo (2006), *Quando o carteiro chegou...: cartões-postais a Purezinha*, elaborado a partir de material do arquivo de Lobato doado pela família ao Cedae-Unicamp.

7 Informações obtidas na tese *Pequenos poemas em prosa*, de Patrícia Tavares Raffaini (2008), e confirmadas em nossa pesquisa no Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS no IEB-USP.

8 Alguns estudiosos (com seus respectivos trabalhos) que já se debruçaram sobre esse arquivo e o utilizaram como objeto de pesquisa ou como parte de pesquisa: Carmen Lúcia de Azevedo, Marcia Camargos, Vladimir Sacchetta (1997), *Monteiro Lobato, Furação na Botocúndia* (“Despertador do Brasil Criança”); Eliane Debus (2004), *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*; Emerson Tin (2007), *Em busca do Lobato das cartas: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*; Patrícia Tavares Raffaini (2008), *Pequenos poemas em prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*; “Cartas das crianças: reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940”, texto publicado na *Revista Angelus Novus-USP*, 2015; Raquel Afonso da Silva (2009), *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*.

9 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS (IEB-USP).

O famoso “caderninho” de notas com o possível registro inicial do que teria sido o texto “gérmen” de *A menina do narizinho arrebitado*, como o escritor informa, está manuscrito, mas ele toma o cuidado de datilografar uma parte desse texto para torná-lo legível, possivelmente a Marina, que herdara o material. Esse “cuidado” do escritor para com a amiga parece-nos revelar que a confiança de Lobato nessa senhora pressupunha, inclusive, uma possível noção da relevância de tal documento e também da importância futura que o conjunto das cartas poderia representar. Teria Lobato desconfiado que seria Marina de Andrada a pessoa ideal para isso?

No acervo do IEB, no processo de doação, consta que Marina de Andrada Procópio de Carvalho teria deixado para Raul de Andrada e Silva esses documentos e esse senhor, que dedicou anos de trabalho acadêmico e professoral ao departamento de História da Universidade de São Paulo, doou seu acervo ao IEB e, com ele, foram também doados o caderninho de Lobato, as cartas das crianças e jovens e alguns outros documentos.

Quem conhece a produção do escritor taubateano e os textos críticos sobre ele, sabe que Lobato tinha uma visão bastante peculiar sobre sua produção literária e também sobre suas cartas ao amigo Rangel, publicadas em *A Barca de Gleyre*, em 1944. Nela, ele informa ao amigo, ainda em 5 de setembro de 1943:

Fui mexer na minha tremenda papelada epistolar e tonteei. É coisa demais. É um mundo. Pus a Ruth separando aquilo e classificando por ordem de data – é o primeiro passo. O segundo será separar certas cartas, como as tuas, que são as mais numerosas; e como por milagre tenho aqui as minhas, estou vendo que desse passo vai sair coisa grossa e talvez muito interessante. Desconfio, Rangel, que essa nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. Literatura, história e mais coisas (LOBATO, 1956, p. 352, grifo nosso).

Em 5 de março de 1945, ainda a Rangel, Lobato (1956, p. 365) diria: “Como é interessante a minha correspondência! Não imaginas as cartas que recebo das crianças”. A partir dessas informações, teria o escritor também percebido, em 1946, ao viajar para a Argentina e deixar com a amiga Marina seu arquivo de cartas infantis e demais documentos, inclusive o caderno de notas acima referendado, a importância que eles poderiam representar sobre sua produção literária para crianças? Por que motivos escolheria a amiga, cuja relação com ele não aparece em texto algum? Quem seria essa senhora?

Em nosso trabalho de pós-doutorado, dedicamos um capítulo ao estudo de Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Procuramos entender um pouco mais a relação dela com Monteiro Lobato tendo em vista também as missivas que no Arquivo do IEB encontramos de Lobato a ela quando ele esteve em Buenos Aires. Também descobrimos que ela era irmã¹⁰ de Raul de Andrada e Silva e não sobrinha, como aparece registrado no processo de doação do arquivo ao IEB. O trabalho ainda está em vias de finalização.

Aqui trazemos a informação de que essa senhora é a mesma pessoa que, por ocasião da publicação de *Prefácios e Entrevistas*, pela Editora Brasiliense, em

¹⁰ Conforme obra sobre a genealogia da família escrita pela própria Marina: *A Família Andrada*. Tivemos contato com essa obra por meio da Revista do Instituto Heráldico-Genalógico (Antiga Revista do Instituto de Estudos Genealógicos), onde o texto também foi publicado em três números seguidos.

1946, com as *Obras Completas*, de Monteiro Lobato, ficou responsável por escrever o prefácio do volume. Nele, Marina é incumbida, pelos editores da Brasiliense, de falar do Lobato humano, “pois o literário já está[va] muito esmerilhado. Fuja da literatura, procure pintá-lo em carne e osso” (CARVALHO, 1950, p. 9), é o que os editores lhe pedem. E é esse o caminho que ela segue ao trazer à tona, em seu prefácio, um Lobato mais humano e menos acadêmico; o escritor mais das crianças e menos dos adultos; o homem e sua alma e, menos, o homem e sua razão. Com isso, o resultado é um texto-prefácio menos teórico e que vai ao encontro dos gêneros próprios do livro: prefácios e entrevistas. Não apresenta forte rigor acadêmico, mas não deixa de conduzir o(a) leitor(a) pelos limiares do que foram os anos de vida pública do escritor.

Marina de Andrada reserva um espaço também para falar do Lobato que tinha lhe deixado o arquivo de cartas infantis. Vejamos, leitor(a) que nos acompanha, o que ela nos apresenta:

As crianças brasileiras adoram-no. Consideram-no “coisa sua”. Escrevem-lhe em tom de comando. E como poderiam compreender que, depois de as servir com aqueles petiscos tão saborosos, e as habituar a contar sempre com ele, pudesse Lobato furtar-se às suas encomendas, às reclamações e até às admoestações e críticas? E Monteiro Lobato, que jamais se sujeitou senão à sua própria vontade e aos seus próprios desígnios, bondosamente se submete, gostosamente se deixa levar por elas (CARVALHO, 1950, p. 13).

Quanto à correspondência das crianças, ela assinala:

As manhãs ele as consagra à sua correspondência, sobretudo a infantil. E o carinho e o respeito que dedica à correspondência com as crianças toma um caráter ritual religioso. É um dever sagrado. Penso que tudo poderá acontecer a Lobato, menos deixar de responder a uma cartinha de criança. É um dever sagrado. Penso que tudo poderá acontecer a Lobato, menos deixar de responder a uma cartinha de criança. Elas constantemente lhe enviam pedidos de livros ou de pó de pirlimpimpim; ou fazem sugestões, reparos, críticas etc. Pedem bolinhos de tia Nastácia, ou que faça a Emília comparecer a festas de aniversário. Também querem aparecer nos livros, tomar parte nas aventuras, com seus animais favoritos – o gato Manchinha ou o “meu cachorrinho Totó”. Criticam, e quase sempre com acerto, as ilustrações de Belmonte e outros desenhistas, pois exigem completa concordância com o texto. E todas desejam conhecê-lo, chegam a implorar-lhe “alguns minutos de atenção, em local, dia e hora que o senhor possa indicar” (CARVALHO, 1950, p. 14).

Como se pode observar, há citações de trechos de cartas desse arquivo que a ela ficou reservado. O(a) leitor(a) interessado(a) poderá encontrar as missivas a que Marina faz referência e, inclusive, constatar, no caso do gato Manchinha, que ele foi mesmo inserido no volume de *A chave do tamanho* (1942), como se pode constatar na carta da missivista Terezinha Dantas, datada de 15 de janeiro de 1942, vinda do Rio. Além de pedir que o escritor assinasse um retrato dele que ela encontrara em um jornal gostaria que ele fizesse uma nova aventura com a turma do Sítio e que não se esquecesse de uma certa promessa que, segundo ela, Lobato lhe havia feito: “O sr. me prometeu que botaria o nome do Manchinha, um gato meu, no seu livro e espero que não se esqueça disso”¹¹.

11 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP, CX 04, P09, doc. 008.

A promessa provavelmente teria ocorrido por ocasião de uma visita que a jovem fizera ao escritor em 1940, quando realizara o sonho de conhecê-lo pessoalmente, informação que se encontra na primeira página da carta.

É possível perceber que Marina, ao escrever seu prefácio, já tinha tomado contato com as cartas e com isso ela contribuiu por deixar em seu texto a preocupação também não apenas com um Lobato adulto, o contista já consagrado, “de grande mérito, um dos maiores do Brasil” (CARVALHO, 1950, p. 16), mas também com o Lobato das crianças, cuja literatura infantil, parece, a ela,

[...] que não foi até agora suficientemente, condignamente, estudada e analisada. Excetuados alguns inteligentes artigos de Edgard Cavalheiro¹², não tenho notícia de estudos ou análises pormenorizadas de suas produções para crianças (CARVALHO, 1950, p. 17).

Essa percepção nos sugere que pode ter sido esse um dos motivos, talvez, de Lobato ter deixado para essa senhora as cartas recebidas das crianças leitoras de sua obra infantil, tendo em vista que ele mesmo já comentara sobre a sua interessante correspondência travada com seus leitores mirins. E é justamente sobre uma dessas crianças e suas cartas de que falaremos especificamente a seguir. Vamos a elas, leitor(a) companheiro(a)!

QUANDO O CARTEIRO CHEGOU... TROUXE UMA CARTA PARA DONA BENTA!

Nossa pesquisa no Arquivo Raul de Andrada e Silva, durante o doutorado¹³, revelou algumas descobertas relativamente peculiares, como a presença de cartas de crianças e jovens a personagens da obra infantil de Lobato, a saber, Emília e Dona Benta. Agora, em nossa proposta de estudo de pós-doutorado, resolvemos nos debruçar sobre essas missivas pensando nas máscaras do emissor e na imagem que ele cria de seu interlocutor, no caso, Lobato/personagens. Há, no Arquivo do IEB, sete missivas enviadas a essas personagens: duas para Emília e cinco para Dona Benta, lembrando que, em uma dessas cinco, a missivista se remete a Lobato, mas pede que a carta seja encaminhada para Dona Benta, por isso, também a consideramos como endereçada à personagem.

Dessas cartas, escolhemos as da missivista Maria Luiza. Há dela duas cartas assinadas, uma enviada a Lobato e outra a Dona Benta. Uma das nossas descobertas ao longo de nossa pesquisa no Arquivo foi a existência de uma possível terceira carta que se encontra sem data e sem remetente definido, pois não está assinada. Comparando as informações nela presentes com as das outras duas cartas, além do tipo de papel e do formato das letras, tudo leva a crer que, possivelmente, essa seja uma terceira missiva dessa leitora. Embora não seja foco de nossa pesquisa, descobrimos que há três cartas-respostas de Monteiro Lobato a Maria Luiza. Todas elas¹⁴ estão no acervo do Centro de Documentação Cultural

12 Conseguimos resgatar aqui os seguintes textos de Cavalheiro: 1. “Lobato, escritor infantil”. *Folha da Manhã*, 27 dez. 1942, documento disponível para consulta na Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato/SP. 2. “Monteiro Lobato e as crianças”, parte 1, *O Estado de S. Paulo*, 20 maio 1943. 3. “Monteiro Lobato e as crianças”, parte 2, *O Estado de S. Paulo*, 27 maio 1943. Ambos os textos também estão disponíveis para consulta na Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato/SP. “No Sítio do Picapau Amarelo”. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11 jan. 1942, também disponível na Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato/SP.

13 Resultados dessa pesquisa estão publicados na tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie intitulada *Dona Benta: mediadora de leitura em Dom Quixote das crianças e geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato*, em 2017, sob orientação da profa. Dra. Marisa Lajolo. Parte dessa pesquisa encontra-se publicada em livro sob o título de *Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura*, publicado em 2019, pela editora Appris.

14 Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/correspondencia_ativa.htm. Acesso em: 5 ago. 2022.

“Alexandre Eulalio” (Cedae-Unicamp) e podem ser consultadas no *site*¹⁵. Ao cruzarmos as informações das cartas da menina com as respostas de Lobato para ela, entendemos que a terceira missiva identificada pode ser mesmo de Maria Luiza e que deve ter havido mais uma carta dela que se perdeu, ou ao menos o final dessa terceira carta, já que ela parece inacabada.

Nosso foco de pesquisa está centrado na figura dos missivistas crianças e jovens e na habilidade de criarem suas máscaras para convencer o interlocutor e as imagens que dele elaboram nesse processo. Sendo assim, caro(a) leitor(a), gostaria de conhecer um pouco mais sobre a investigação que tecemos a respeito da missiva de Maria Luiza a Dona Benta? Já, já chegaremos a ela!

Importante frisarmos aqui a concepção de carta na qual estamos nos inspirando. Para isso, trazemos citação de Marcos Antônio de Moraes. Vejamos:

Vista como “objeto” cultural, a carta nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar. A qualidade e a cor do papel, timbres, monogramas, marcas d’água, assim como os instrumentos da escrita espelham códigos sociais, entremostrando a mão – a classe, escolaridade, formação cultural – de quem escreve. Sobrescritos, carimbos e selos nos levam ao funcionamento das instituições que colocam em trânsito essa forma de comunicação escrita.

[...] Enquanto “ato”, no campo semântico da representação teatral, a carta coloca “personagens” em “cena”. O remetente assume “papéis”, ajusta “máscaras” em seu rosto, reinventando-se diante de seus destinatários, com objetivos afetivos ou práticos definidos. Sob o signo da encenação, a verdade expressa na carta – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos – é sempre pontual e cambiante (MORAES, 2008, p. 8).

Ao assumir o papel de missivista que escreve uma carta para uma personagem, o que poderia pensar a criança/jovem conseguir com isso? Até que ponto esse remetente teria consciência de que está criando uma encenação, aos moldes, talvez, da própria literatura infantil de Lobato da qual ele é leitor? Seria essa literatura que lhe daria esse direito de criar a existência real da personagem, numa oscilação constante entre pessoa/persona?

Segundo Carlos Ceia (2017), em seu *E-Dicionário de Termos Literários*:

No teatro grego, a máscara servia para dar aos actores a sua personagem, a sua persona (= máscara). [...] Escondendo o rosto, os actores representavam usando apenas o tom de voz e o gesto.

[...] Na literatura em geral, a máscara, para além de tema de variados contos, romances e peças, é usada como símbolo da assumpção duma identidade diferente da original ou como símbolo do esconder dessa mesma identidade [...]. Aliás, as palavras pessoa e personagem têm como base a palavra persona, máscara em grego. O termo persona designa hoje, tecnicamente, a personagem criada pelo autor para a criação poética e para as narrativas na primeira pessoa, lembrando que o autor no texto é sempre uma máscara, uma criação, mesmo quando o autor pretende identificar o narrador consigo próprio. Qualquer personagem numa obra é sempre descendente da máscara grega, é sempre uma construção duma identidade outra¹⁶.

¹⁵ Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/correspondencia_ativa.htm. Acesso em: 23 mar. 2023.

¹⁶ Disponível em: [https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mascara#:~:text=Na%20literatura%20em%20geral%2C%20a,n%C3%A3o%20s%C3%B3%20assumem%20uma%20identidade](https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mascara#:~:text=Na%20literatura%20em%20geral%2C%20a,n%C3%A3o%20s%C3%B3%20assumem%20uma%20identidade.). Acesso em: 15 ago. 2022.

A partir dessa abordagem, podemos pensar, amigo(a) leitor(a), que os missivistas que escreviam para as personagens do Sítio do Picapau Amarelo possivelmente usavam de uma relação de espelhamento, vendo-se quase como *personae* das narrativas e, com isso, sentindo-se relativamente à vontade para também se transvestirem de uma delas, criando para si suas próprias máscaras. Dessa forma, poderiam eles pensar que conseguiriam do “mascarado mor”, o próprio autor, maior força de convencimento para seus desejos, como os de participar de uma narrativa ou mesmo sugerir ideias para novas histórias? Parece-nos possível.

Segundo Fazzio e Montoto (2017, p. 39):

Os artistas que irrealizam os seus personagens não escapam das máscaras metafóricas. Os personagens são partes que se descolam dos artistas para continuar vivendo outras vidas, existir mais inteiro nas obras de arte, seja literatura, poesia, música, cerâmica e, claro, no palco. Realidade ou ficção? A exposição, talvez, se dê pela revelação desnudada de si em um outro imaginário.

E assim, seguindo a ideia de Fazzio e Montoto, as personagens parecem ganhar vida própria, inclusive, ao seduzirem o(a) leitor(a) que por eles chega até a se apaixonar e também ao fornecerem a ilusão teatralizada de que vivem realmente. A imagem construída por isso das personagens parece confundir-se, de certa forma, com a do próprio autor. É quase como se todos saltassem de dentro do texto literário para a vida real, perfazendo até mesmo o processo de transporte dela (mas fictícia no texto), pelo pó do Pirlimpimpim, para o mundo da fantasia. Nesse processo de fantasia¹⁷, tão bem construído por Lobato, parece que temos o limiar muito exíguo entre realidade e ficção que sugere permitir a nossos missivistas – leitores já mascarados – a capacidade de também se mascarar.

Vamos agora, depois dessa breve apresentação do que estamos entendendo por máscaras e imagens, conversar sobre a missiva escolhida. A título de curiosidade, abaixo apresentamos aos leitores uma tabela com as cartas encaminhadas às personagens e seus respectivos missivistas.

Quadro 1 – Cartas a personagens do Sítio do Picapau Amarelo

Nome	Data	Local	Destinatário
Maria Luiza P. Lima	Sem data	Pelotas (RS)	Dona Benta
Modesto Marques	1941/1945	Tatuí (SP)	Emília/Dona Benta
Maria Eugênia	1945	Forte de Coimbra (MT)	Dona Benta
Pituchinha	Sem data	Belo Horizonte (MG)	Emília
Moacyrzinho de Melo e Alvin Duarte	1945	Sem local	Dona Benta
Wanda Côrtes	1945	Juiz de Fora (MG)	Dona Benta

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁷ Acreditamos que Monteiro Lobato já reconhecia a fantasia enquanto algo inerente ao estado de infância e também como rica estratégia narrativa ao valorizar, em seus processos criativos, o brincar, configurado na liberdade imaginativa das personagens, a exemplo da boneca Emília, e também dos leitores, que passam a fazer parte – literalmente – de algumas de suas histórias.

Como se vê, são sete cartinhas: a de Maria Luiza que, mesmo sem data, deve ser posterior à primeira que foi enviada em 1936; a de Pituchinha, cujo nome era Rosa Alice Godoy, também sem data, mas que deve ser de 1945, também posterior à primeira, datada desse mesmo ano. As análises que já fizemos das de Wanda Côrtes (ROMANO, 2022a) e de Pituchinha (ROMANO, 2022b) estão já publicadas em capítulo de livro e de periódico. As de Modesto Marques, Moacyrzinho e Maria Eugênia serão publicadas no texto final de nossa pesquisa de pós-doutorado. Seguimos, então, ansioso(a) leitor(a) nosso(a), para nossa análise da de Maria Luiza encaminhada a Dona Benta. Aproveitamos para informar que, como temos as respostas de Monteiro Lobato dadas à jovem, vamos buscar compreender melhor esse universo que Maria Luiza constrói e no qual se envolve ao escrever para Dona Benta.

Pelotas, 11 de fevereiro de 1936

Querido Monteiro Lobato

Para começar minha carta digo que me chamo Maria Luiza, sou brasileira, minha mãe é franceza (sic) e meu pai brasileiro. Mamãe chama-se Martha P. Lima e papai José Pereira Lima e meu sobrenome naturalmente é uma árvore e uma fruta também. Escrevo esta carta para vos elogiar pelos bons livros que escrevestes. Somos atheus (sic), e pelo livro “História do Mundo” percebi que vós o sois também. Tenho 12 anos, e vos confesso que já me acho “velha”. Tenho uma biblioteca (que) de mais de 110 livros, mas principalmente aprecio os vossos livros. [...] Eu estava no colégio alemão e aos 11 anos acabei o 6o curso, mas agora estou me preparando para fazer o exame de admissão para o 1o ano do ginásio pelotense. Sei falar francês, alemão e compreendo um pouco de inglês. Notei que senhor sabe falar inglês porque traduziu Pollyanna e Pollyanna moça e Aventuras de Huck Finn, até o senhor fala sobre ele em “Geografia de Dona Benta”, esqueci-me de dizer que também tenho este livro e o livro “História do Mundo para criança”. Se eu um dia fosse na Dona Benta no sítio do Picapau-amarelo seria capaz de fazer mil aventuras, tanto que D. Benta e família seriam capazes de abrir os olhos maiores que “os grandes olhos de John Grafford” como diz Emília de língua comprida. Muitas lembranças a todos e recomendações a tia Nastácia e uma beijoca à Emília. Esqueci-me de dizer que o senhor fala italiano porque traduziu Pinocchio, e alemão porque traduziu “Munchhausen”.

Acabo aqui minha carta e elogio-vos mais uma grande vez. E à vós nossos grandes cumprimentos, (principalmente de mim)

Vossa grande desconhecida amiga
Maria Luiza¹⁸

PS: espero que o senhor nos escreverá (sic) a qual esperamos com impaciencia (sic). Se desejar escrever Rua Félix da Cunha, nr. 754. Pelotas. Rio Grande do Sul
PS: Mando também neste envelope um retrato meu.

¹⁸ Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP: CX 01, P02, doc. 08.

Maria Luiza Pereira de Lima, brasileira, nascida em Pelotas, cuja mãe, Marth P. Lima, era francesa, e cujo pai, José Pereira Lima, brasileiro. Ao falar sobre eles, ela informa o escritor de que seus pais eram ateus e ela também. Como leu *História do mundo para crianças*, acredita que Lobato também seja. Eliane Debus (2004, p. 161-162), ao falar sobre essa primeira carta da menina, resume:

Ela faz um autorretrato de sua vida acadêmica: tendo concluído o 6º curso no Colégio Alemão, aguarda os exames para sua admissão no Ginásio Pelotense. Poliglota, fala alemão, francês e compreende “um pouco de inglês”. Proprietária de uma biblioteca de 110 volumes, aprecia sobremaneira as narrativas lobatianas. Percebe-se, pelos seus comentários, que o seu repertório literário inclui também as traduções realizadas pelo escritor, pois ela as enumera fielmente.

Essa percepção de que Lobato faz traduções, do inglês, do italiano e do alemão pode-nos sugerir que ela acredite ser Lobato poliglota, o que a própria correspondência dele com Rangel nos mostra que não é fato que se confirme e que essa possibilidade pode mesmo ser até ingênua. Essa ideia é possível também de nos induzir a pensar que ela está criando uma imagem de seu interlocutor e tentando, a partir de seu “autorretrato” de menina culta, com cultura similar à de Lobato e também, por ser leitora apaixonada de sua obra, construir sua persona para convencê-lo de que ela, como emissora, é alguém (apesar da idade!) que tem algum valor para que possa travar, inclusive, um diálogo, e conseguir uma resposta do escritor a sua missiva. Além disso, lembramos que ela escreve seu texto à mão, em três páginas de papel pautado de coloração azul e, desde o início, procura ser próxima dele, chamando-o de “Querido” já na abertura do texto e despedindo-se já se considerando “amiga” de Lobato.

A segunda cartinha da jovem, amigo(a) leitor(a) que nos acompanha desde o início, é a enviada a Dona Benta. Vamos a ela, pois.

Illma. Sra.

Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e família.

Como vão todos aí? Como vai a Emília Balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça? Diga a esses amiguinhos meus (menos a Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”. (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer – fazer aventuras) Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

3 palavras dedicadas a Emília em deutsch

- du- bist- dumm

Maria Luiza¹⁹

¹⁹ Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP: CX 01, P02, doc. 09.

Embora Maria Luiza dirija a carta a Dona Benta e família, é à personagem-avó a quem ela pede que avise a todos sobre uma possível visita dela para ajudá-los a se “aventurar”. Ela também solicita a Dona Benta que avise Lobato, o escritor, que, caso lá no Sítio ele apareça, que a desculpe pela demora na resposta à carta dele. Parece querer disputar espaço com Emília, talvez em esper-teza, pois avisa Dona Benta de que não precisa comunicar a boneca sobre a possibilidade de ela, Maria Luiza, aventurar-se com o restante do pessoal, quase querendo, em nosso entender, tomar o lugar da boneca nas possíveis aventuras. O que acha, leitor(a) amigo(a), concordaria com nossa hipótese? Para finalizar, informa que dedica três palavras em alemão à Emília: “você é idiota”. Uma pro-vocação? Um xingamento em alemão que desafie Emília? Ou estaria nossa mis-sivista também instigando o próprio Lobato, seu interlocutor de fato, ao demons-trar suas habilidades em línguas?

Aos 12 anos, leitora perspicaz de várias obras do autor, estudante de línguas estrangeiras, ela buscaria uma máscara que pudesse, mais uma vez, continuar sustentando sua correspondência com Lobato? Ela também se serve de Dona Benta para dar o recado às personagens e até para se desculpar com Lobato. Essa imagem que ela cria para seu interlocutor seria, em última instância, para se desculpar pela demora em responder à missiva dele e não perdê-lo como cor-respondente, afinal, não era para ele, diretamente, que ela se remetia ao se desculpar. A carta segue, mais uma vez, manuscrita, em papel azulado, mas desta vez sem data. Provavelmente deve ser ainda de 1936, já que, no Cedae-UNICAMP, temos uma resposta de Lobato à primeira carta de Maria Luiza.

A carta do escritor está datada de 4 de março de 1936 e, na segunda, destina-da a Dona Benta, a menina se desculpa por ter demorado a responder. Vejamos:

S. Paulo, 4, 3, 936

Maria Luíza:

Só hoje recebi sua cartinha, tão interessante, de 11 deste mês. E também o retra-to, que é pena estar tão apagado. Não pude ver direito a carinha da amiguinha pelotense. Emília, que estava ao meu lado, leu também sua carta e disse: “Sim senhor! Está aqui uma menina que bem merecia morar no sítio de dona Benta e tomar parte nas nossas aventuras. Sabe alemão e tem “personality” (Emília está aprendendo inglês); além disso, é atea (sic). Gosto muito dos ateus”.

O visconde também veio ler a carta e ficou assanhado quando soube que a biblio-teca da Maria Luiza tem já 110 volumes – e deu um pulo de alegria quando viu que a Maria Luiza trata a tal Arimetica (sic) da Emília de Arimetica (sic) do Visconde. – Toma, disse ele, virando-se para ela, aquela patifaria que você me fez, mudando o nome de um livro que era meu, não pegou. As meninas inteligentes estão restau-rando a verdade.

E eu fiquei ainda mais contente de ver que tenho uma leitorazinha de 12 anos que vale muito mais que os leitores de 30 ou 40. Nada me causa maior encanto do que encontrar uma criança que seja realmente inteligente, que tenha originalidade e também personalidade. Em geral são umas burrinhas. Recebo muitas cartas de crianças, mas burrinhas quase todas. Você, porém, Maria Luiza, vai para o pri-meiro lugar. Passou a perna em todas. Se morasse aqui em S. Paulo havíamos de ser amigos. As pessoas inteligentes viram logo amigos íntimos.

(continua)

(conclusão)

Pelo que vejo, é muito estudiosa. Continue. Aperfeiçoe-se em línguas. Assim poderá ler os muitos livros interessantes que há nas outras literaturas. Na nossa é a pobreza que você sabe. Se eu não me metesse a escrever uns livrinhos para vocês, que é que vocês teriam para ler? Nada, ou quase nada.

Quer ser minha colaboradora? Mande dizer que livro quer que eu escreva. Quem sabe se V. me dá uma boa ideia para este ano. Ainda não resolvi sobre o assunto dos 4 livros que a Cia Editora quer que eu dê para o fim do ano.

Adeus, boa amiguinha. Ando com ideia de fazer um voo de Kondor até o Rio Grande, e se chegar em (sic) Pelotas hei de fazer-lhe uma visitinha. Quer?

Adeus, adeus, adeus...

Monteiro Lobato²⁰

A carta de Lobato está datilografada; ao final dela, segue a assinatura dele. Ele inicia informando Maria Luiza sobre o recebimento da cartinha dela em fevereiro. Trata-se, portanto, da resposta de Lobato para a primeira carta da menina que, segundo ela descobrirá, ele achou “tão interessante”. Também comenta sobre a fotografia²¹ da menina que, para ele, estava muito apagada, impossibilitando que ele visualizasse o rosto da garota com nitidez, infelizmente (“é pena”). Na sequência descobrimos que, ao lado de Lobato, estava também Emília e Visconde, que tomaram contato com a carta. E se inicia aqui uma espécie de ficção dentro da realidade, pois Lobato também cria sua máscara de escritor ao trazer para dialogar com Maria Luiza a turminha do Sítio de quem ela tanto gosta. Emília teria feito seu comentário porque Maria Luiza estudava alemão e parecia ter muita “*personality*”. Lobato (personagem também nesse caso?) teria informado à menina que a boneca estava aprendendo inglês. Interessante a sequência: “é ateia. Gosto muito dos ateus”: está entre aspas como fala de Emília, mas seria de ambos, não concorda, leitor(a) atento(a)? O Visconde teria chegado e comentado estar impressionado com os 110 livros da biblioteca da menina e vibrado ao saber que Emília não enganava as leitoras espertas e inteligentes. Com isso, justiça seria feita a ele.

Lobato, ao elogiar a inteligência de Maria Luiza, a destaca das demais leitoras. Uma tática bastante perspicaz, afinal, ali, na carta, somente ela e ele sabiam que, no geral, todas as outras leitoras eram “umas burrinhas”. E comenta ser pena a menina não morar em São Paulo, onde poderiam ser “amigos íntimos”, referência a um vocativo usado por Lobato para se referir ao missivista Alarico Silveira Júnior, com quem se correspondeu por bons anos entre o final da década de 1920 e durante a década de 1930. Dá conselhos à menina e pergunta se ela não teria uma ideia para compartilhar com ele a fim de que pudessem aproveitá-la em seus próximos textos. Despede-se e lembra que estava pretendendo fazer um passeio até o Rio Grande do Sul. Quem sabe não chegaria a Pelotas. Termina perguntando se ela gostaria que ele passasse pela casa dela.

20 Ceda-e-Unicamp. BL_Ms00008. Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/correspondencia_ativa.htm. Acesso em: 16 ago. 2022.

21 A foto da menina não foi preservada no Arquivo Raul de Andrada e Silva.

Após essa primeira resposta de Lobato, imaginamos que tenha chegado a cartinha a Dona Benta, pois nela a menina pede desculpa pela demora em responder-lhe. Temos, na sequência, uma carta de Lobato, enviada em 21 de junho de 1936 e parece que ela não é uma resposta a alguma anterior do escritor, mas talvez dialogue com certo despeito da missivista para com a boneca, na carta enviada anteriormente a Dona Benta.

Sendo assim, Lobato não responde como a personagem-avó, talvez porque a garota seja bastante inteligente e, embora ela mesma tenha feito isso, pode ser que o escritor tenha percebido mais potencial se ele mesmo assinasse o texto, em vez de Dona Benta. Sendo assim, usa de um subterfúgio no início da missiva informando que ele, ao arrumar alguns papéis, encontrara a cartinha dela de 11 de fevereiro. Vejamos:

São Paulo, 21, 6, 936.

Sta. Maria Luiza:

Arrumando os meus papeis (sic) hoje, encontrei a sua cartinha azul de 11 de fevereiro e me deu vontade de lhe escrever sabendo como vai passando a minha amiguinha desconhecida e companheira de “livre pensamento”.

Tem lido muito? Aumentou a biblioteca? Naquele tempo tinha 110 volumes. E agora? Aposto que já está em 120. Li sua cartinha lá no sítio do Picapau e a Emília disse: “Ela que venha aqui e eu tiro a prosa dela” – e como você disse que sabia alemão, a sapeca da Emília pôs-se a aprender alemão depressa para não fazer feio quando você vier. Ela já sabe dizer como vai? Bem, obrigada, e outras coisinhas assim na língua do barão de Munchhausen.

Emília, coitada, anda muito aborrecida, porque os livros já deram notícia que ela estava escrevendo as Memórias da Marquesa de Rabicó e essas memórias não saem nunca. Ela é uma danadinha para falar, mas quando pega na pena fica boba e não sai nada. Eu desconfio que quem vai escrever as memórias dela é o visconde – e depois, está claro que ela as assina com o maior caradurismo do mundo, como fez com a arimética (sic).

Este ano deu muita laranja lá, sobretudo cravo, e eles tem (sic) se regalado. Até Quindim está gordo de tanto mascar laranja – esse com casca e tudo.

Rabicó anda planejando qualquer coisa. Qualquer dia ele também sai com um livro, Geometria de Rabicó, qualquer coisa assim. Deu mania de escritor neles. Até Quindim está fazendo uma História Natural – e bem boa, para um animalão chifrado daqueles.

Bem, a prosa está boa mas é hora de ir tomar um café. Já me chamaram e com bolinhos de Tia Nastácia. Porisso (sic), adeus. Seja muito feliz e me escreva uma carta bem comprida e asneirenta como as da Emília.

Do amiguinho desconhecido

Monteiro Lobato²²

22 Cedae-Unicamp. BL_Ms00003. Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/correspondencia_ativa.htm. Acesso em: 16 ago. 2022.

Com o artifício de retomar a cartinha da menina, Lobato parece reatar a conversa. Parece-nos ainda, leitor(a), que o *link* entre essa carta e a destinada a Dona Benta seja o excerto “Ela que venha aqui e eu tiro a prosa dela”, fala que Lobato insere como sendo de Emília e, mais uma vez, aproveita para trazer a ficção para o interior da realidade. Também comenta que a boneca estava aprendendo alemão para não fazer feio quando a menina Maria Luiza fosse ao Sítio. Além disso, poderíamos também pensar se Lobato esperaria mesmo que a leitora sugerisse alguma ideia para novas aventuras? Gostaria de investigar quais outros textos a menina estava lendo ao perguntar sobre o aumento da biblioteca dela? Ou ainda que ela comentasse sobre os possíveis livros de Rabicó e Quindim, na tentativa de investigar se esses títulos interessariam às crianças? Ele antecipa à leitora que *Memórias da Emília* sairá em breve e com a mesma artimanha que a boneca usou com *Ari(t)mética da Emília*. Para finalizar, retoma o *link* com a ficção mais uma vez, informando que o estão chamando para tomar café com bolinhos de Tia Nastácia, típica cena muito encontrada na saga do Sítio. Conclui a carta de forma semelhante à que Maria Luiza deu à sua primeira cartinha: “Do amigo desconhecido”.

Agora, leitor(a) acostumado(a) a surpresas, compartilhamos uma descoberta que nossa pesquisa nos trouxe. O processo de leitura das cartas do Arquivo Raul de Andrada e Silva se deu em dias seguidos e por conjunto de cartas pertencentes às três grandes caixas onde elas se encontram catalogadas. Esse processo nos permitiu ir a algumas missivas e também voltar a elas quando sentíamos necessidade de rever alguma informação ou mesmo de relê-las. Encontramos em uma das caixas uma cartinha também manuscrita e em papel azul; percebemos que o papel tinha uma marca d’água. Nela não há data nem assinatura, até porque acreditamos que falte a última página. Mas nós nos deparamos com informações que atrelavam essa carta às duas conhecidas de Maria Luiza e também verificamos que nelas havia marca d’água semelhante. Chegamos à conclusão de que, muito possivelmente, essa carta, que abaixo reproduzimos, seja a terceira dessa missivista a Lobato. Vejamos o que você pensará, leitor(a) curioso(a):

Querido amigo.

Recebi **suas interessantes cartas** que me alegraram muito, pois gosto de ter um talentoso e espirituoso amigo como o senhor. Fiquei contente ao saber que talvez o senhor venha até cá (Não se esqueça de trazer a Família do Picapau Amarelo principalmente a Emília). *Diga a ela que acho que sou eu quem vai tirar-lhe a prosa e quando nos encontrarmos vou dar-lhe uma “chutada” em línguas, pois, além de saber falar o alemão e o francês, estou aprendendo inglês.*

A respeito dos livros de que o senhor falou na sua primeira carta ainda não tenho ideia, contudo na sua segunda carta, o senhor disse que Rabicó está “querendo” escrever um livro – “Geometria de Rabicó” e Quindim uma “História Natural”. Bem pensado!

Como vai o petróleo? E o que acha da breve [? pouco legível] gerra (sic) europeia? Bela, não?...

Depois de ter feito exames de admissão passei para o primeiro ano ginásial.

(continua)

(conclusão)

Acabei de reler os seus livros “Arimética do Visconde”, “História do Mundo”, “Emília no paiz (sic) da Gramática” e “História das Invenções”! Gostei muito deste último no qual o senhor mostra as grandes invenções dos homens como o radio (sic), a Televisão, a Telegrafia, Tanques, submarinos, etc.

Mas o homem não as sabe empregar, pois as emprega em guerras causadoras das destruições dos povos²³ (grifo nosso).

A carta enviada a Dona Benta, que foi o mote desse nosso texto e faz parte do objeto de estudo de nossa pesquisa de pós-doutoramento, acabou nos motivando a entender melhor a jornada de missivas travada entre Maria Luiza e Lobato, tendo em vista que as cartas da menina se articulam com as respostas, nesse caso, de Lobato. É ela a única das sete missivistas dos quais temos, embora não todas, algumas respostas do escritor. A missiva apresentada anteriormente, praticamente inédita a partir de sua autoria, como informamos anteriormente, dialoga com as duas anteriores. Nela, Maria Luiza inicia chamando seu interlocutor, nesse caso, o próprio Lobato, por “querido amigo”. Na primeira carta ela o chamara de “Querido Monteiro Lobato”. Optar por omitir o nome e identificá-lo como amigo pode indicar que a jovem se sentia bastante à vontade ao se dirigir a ele.

Ela o informa, logo no primeiro parágrafo, que recebera as interessantes cartas dele, no plural. Ao seguir a leitura, percebemos que ela faz referência a partes da primeira carta, datada de 4 de março de 1936, e da segunda, de 21 de junho de 1936. Ao falar sobre estar contente a respeito da possibilidade de ele ir até Pelotas, ou mesmo sobre os livros da primeira carta, e aqui imaginamos que se refira à pergunta de Lobato sobre que livros ela gostaria que ele escrevesse, são todos assuntos recuperados da missiva de 4 de março. Já da segunda, de 21/06, lembramos que nela, o escritor registra o que seria a fala de Emília: “Ela que venha aqui e eu tiro a prosa dela”. Maria Luiza diria então: “Diga a ela que acho que sou eu quem vai tirar-lhe a prosa” e também faz a menina referências explícitas aos livros que Rabicó e Quindim pretendiam escrever.

Ela traz ainda assuntos novos, como a pergunta sobre o petróleo, o que indica que também sabia das investidas do escritor por esse negócio e comenta sobre uma guerra (embora esteja escrito “gera”). Seria a Guerra Civil Espanhola? Também informa que tinha relido os livros publicados em 1935²⁴, além de *História do mundo para crianças* e *Emília no país da gramática*. Tece alguns comentários sobre *História das invenções* lembrando o quanto os homens fazem mau uso das próprias invenções. A carta acaba com esse comentário da menina, mas temos a impressão de que o restante do texto foi perdido, até porque nas outras missivas Maria Luiza finaliza sua escrita e despede-se do escritor amigo.

No acervo do Cedae-Unicamp temos ainda, leitor(a) paciente, uma última carta de Lobato à menina. Infelizmente ela também não está datada. Imaginamos que

²³ Arquivo Raul de Andrada e Silva/ARAS-IEB/USP: CX 02, P02, doc. 38.

²⁴ A saber: *História das invenções*, *Aritmética da Emília* que ela nomeia como *Aritmética do Visconde*, e *Geografia de Dona Benta*, que ela não cita aqui como releitura, mas que já havia lido também porque faz referência a essa obra em sua carta de 11 de fevereiro de 1936.

ela possa até ser uma resposta à anterior, que estamos atribuindo a Maria Luiza. Vamos a ela:

Ilustre menina:

Fui surpreendido pela sua cartinha de 17, que veio cheia de petróleo. Creio que numa carta de 8 páginas ninguém ainda escreveu tantas vezes a palavra petróleo. E eu estou enjoadíssimo disso, porque acho impossível a vitória nesse terreno, apesar da saída [? pouco legível] do petróleo na Bahia. O governo – essa eterna calamidade – tudo fez para impedir que os “petroleiros” explorem essa riqueza. Embarços e mais embarços. Uma pura infâmia – e nem berrar pela imprensa podemos porque uma das armas do tal governo se chama Censura.

Mas não falemos em coisas tristes. Falemos de você – que merece parabéns por já estar com 170 livros em sua biblioteca e em vésperas de passar para o 4º ano. Quer dizer que em breve teremos mais uma doutorazinha– e esta poliglota e cultora do ateísmo! Admirável: o trágico porém é que vocês, meninas, ao contrário de Peter Pan, crescem– estão todas condenadas a se transformarem na grande sensaboria que se chama “gente grande”. Que pena: se pudessem todas imitar o Peter Pan naquele ponto...

Aqui a novidade é o calor– e deve ser essa também a novidade daí. Como é furiosamente canicular esta nossa terra: hontem (*sic*) os jornais deram a notícia de que em Santa Adélia, uma cidadezinha de São Paulo, o termômetro subira a 45°. Coisa jamais observada. Imagine se você estivesse lá, Maria Luiza: Teria morrido torrada [? parcialmente ilegível]. O jornal que deu a notícia esqueceu-se de informar sobre a sorte que tiveram os santadelinos. Será que escapou algum?

Este ano pretendo fazer uma viagem à Argentina e Uruguay, e de volta passar por várias dessas cidades riograndenses, inclusive Pelotas. Terei então ensejo de tocar a campanha aí da rua São Félix da Cunha 754 e perguntar a quem abrir:

– É aqui que mora a senhorita Maria Luiza? Está em casa?

E como é possível que v. esteja em casa, conhecer-nos-emos e conversaremos demoradamente. Quer?

Adeus – e nunca se esqueça do

Monteiro Lobato²⁵

Como lembra Emerson Tin (2007, p. 233), em sua tese de doutorado, “O tom dessa carta é bem diferente do das anteriores: não mais o aparecimento das personagens do Sítio, não mais a atmosfera de fantasia a cercar o autor”. Lobato traz questões do cotidiano, inclusive sobre o petróleo. Não sabemos se a pergunta que Maria Luiza faz a ele na carta terceira teria sido mais bem desenvolvida no restante do texto que imaginamos tenha se perdido e, por isso, Lobato traga nesta carta a questão sobre o petróleo. Segundo a carta acima, a da menina tinha oito páginas! A carta anterior dela apresenta apenas quatro. Há um assunto que nos parece absolutamente fora de propósito, o do tempo. Por que motivos Lobato teria colocado tal parágrafo na carta? E desse assunto ele “salta” para o da viagem ao Rio Grande do Sul. Mais uma vez ele informa à menina, com seu

25 Cedae-Unicamp. BL_Ms00004. Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/correspondencia_ativa.htm. Acesso em: 16 ago. 2022.

típico bom humor no tratamento com as crianças, que se a fizer, poderia passar pela casa dela para se conhecerem e, finalmente, despede-se de Maria Luiza.

Uma pena, leitor(a) já cansado(a), não termos a data de tal missiva. Segundo Tin (2007, p. 232), na nota 436 de sua tese anteriormente citada, “embora sem data, a carta, por vir escrita em papel timbrado da União Jornalística Brasileira, deve ser posterior a 14 de agosto de 1937, data em que Lobato adquirira a instituição”²⁶. Ao término dela, quando informa Maria Luiza de que tinha interesse por seguir viagem até a Argentina e passar pelo sul do país, lembramos que Lobato trocou diversas cartas com Benjamin de Garay, escritor argentino e tradutor, um dos responsáveis pela divulgação da literatura dele em terras argentinas. Em algumas delas, o Lobato das crianças enseja a possibilidade de viajar para a Argentina, o que de fato irá se concretizar apenas em 1946.

Finalmente, esclarecemos aqui o porquê de as cartas de Lobato a Maria Luiza terem chegado até nós. Em texto de Marisa Lajolo e demais pesquisadores intitulado “De papéis a documentos: Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros”, publicado no volume 24 da *Revista da Abralic*, de 2022, que trata sobre o Fundo Monteiro Lobato, pertencente ao Cedae, encontramos a informação de que há nele oito cartas de uma correspondente chamada Nize Therezinha Martins Antunes, professora gaúcha de Pelotas, com quem Lobato se correspondeu entre 1946 e 1947. O início da correspondência se deu depois que Nize passou algum tempo em Buenos Aires, por conta da perseguição política que seu noivo sofria no Brasil. Como tinha sido “entusiástica leitora” de Lobato na infância e sabendo que ele se encontrava em Buenos Aires, procurou-o e, dessa amizade, nasceu a correspondência depois que a moça retornou ao Brasil. Um filho dessa senhora, sabendo do acervo do Cedae, procurou a universidade a fim de saber se haveria interesse pelo acervo da mãe. Segundo Lajolo *et al.* (2022, p. 138, grifo nosso):

Assuntos familiares e políticos pontilham as cartas, que chegaram ao CEDAE acrescidas de um álbum de recordações de Dona Therezinha (com texto de Lobato) e de algumas outras cartas, desta vez trocadas entre sua prima Maria Luíza e o escritor.

Eis, portanto, como o destino trouxe a público as respostas de Lobato à nossa missivista Maria Luiza.

Sem mais... despedimo-nos

O(a) leitor(a) que nos acompanhou até aqui deve ter percebido que a busca pelo estudo da carta de Maria Luiza a Dona Benta nos conduziu por veredas que nós não esperávamos atravessar quando iniciamos nossa pesquisa. Chega a haver uma certa emoção que perpassa toda essa atividade de vasculhar os ditos, interditos e não ditos presentes nas missivas dessas crianças e, neste nosso caso, nas de Lobato também. Sendo assim, leitor(a) de fôlego, acreditamos que, com nosso trabalho aqui neste texto, conseguimos alargar o processo de diálogo entre Monteiro Lobato/suas personagens e seu jovem público-leitor ao trazer

²⁶ Reproduzimos a seguir a nota de rodapé 356, ainda da tese de Tin (2007, p. 177), na qual ele explica o que fora a União Jornalística Brasileira (UJB): “Agência que tinha por função a redação e distribuição de notícias, a União Jornalística Brasileira (UJB) foi criada em 1934 por Menotti del Picchia e comprada por Lobato em 14 de agosto de 1937”.

para o debate alguns artifícios dos missivistas que enviaram cartas a personagens como a de Maria Luiza a Dona Benta.

MONTEIRO LOBATO OF THE CHILDREN IN THE FUNDO RAUL DE ANDRADA E SILVA

Abstract: This article aims to present part of the results of post-doctoral research on letters sent by children and young people to Monteiro Lobato's characters, namely Emília and Dona Benta. This correspondence is deposited in the Fundo Raul de Andrada e Silva, belonging to the collection of the Institute of Brazilian Studies of University of São Paulo (IEB-USP), which aggregates, among other documents, the set of this correspondence sent to Monteiro Lobato between the years 1932 and 1946. For this article, it will be presented and analyzed the letter of the missive Maria Luiza sent to the character Dona Benta and Lobato's answers to her.

Keywords: Monteiro Lobato. Characters. Children's correspondence. Dona Benta. Institute of Brazilian Studies.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato, Furacão da Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.

CANDIDO, A. Monteiro Lobato (notas de crítica literária). *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 dez. 1944. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=23060&keyword=Monteiro%2CLobato&anchor=206265&origem=busca&originURL=&pd=502253b0eb838d26ddc79fed64b45a5e>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CARVALHO, M. de A. P. de. Prefácio. In: LOBATO, M. *Prefácio e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

CAVALHEIRO, E. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. Organização Valéria Lamego. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017.

CEIA, C. *E-Dicionário de Termos Literários*. [on-line], dez. 2017. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mascara#:~:text=Na%20literatura%20em%20geral%2C%20a,n%C3%A3o%20s%C3%B3%20assumem%20uma%20identidade>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CHIARADIA, K. N. P. *Edição de textos fidedigna e anotada das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Charles Frankie (1934-1937): edição e estudo da correspondência entre Monteiro Lobato, Charles Frankie e alguns companheiros da Campanha Petrolífera, como Edson de Carvalho*. 2016. 642 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FAZZIO, F. E.; MONTOTO, C. C. Uma, nenhuma, cem mil faces secretas: as máscaras e suas metáforas na obra de Pirandello. *Leitura Flutuante: Revista do Centro de Estudo em Semiótica e Psicanálise*, v. 9, n. 1, 2017.

- LAJOLO, M. (org.). *Quando o carteiro chegou...: cartões-postais a Purezinha*. São Paulo: Moderna, 2006.
- LAJOLO, M. (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.
- LAJOLO, M. et al. De papéis a documentos. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, 2022.
- LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956. 2 v.
- LOBATO, M. *Cartas de amor*. Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- MORAES, M. A. de. Sobrescrito. In: *Teresa Revista de Literatura Brasileira / área de Literatura Brasileira*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – no /9. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 8.
- RAFFAINI, P. T. *Pequenos poemas em prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*. 191 f. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RAFFAINI, P. T. Cartas das crianças: reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940. *Revista Angelus Novus*, v. VI, n. 10, p. 129-158, 2015.
- REVISTA DO INSTITUTO HERÁLDICO-GENEALÓGICO. São Paulo: Instituto Heráldico-Genealógico, n. 7, p. 8-9, 1940-1943.
- ROMANO, P. A. B. *Dona Benta: mediadora de leitura em Dom Quixote das Crianças e Geografia de Dona Benta*, de Monteiro Lobato. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.
- ROMANO, P. A. B. Máscaras e disfarces: cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta. *Metamorfoses*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2019.
- SANTANA-DEZMANN, V.; MILTON, J.; D'ONOFRIO, S. T. *Monteiro Lobato: novos estudos*. Lunen/Alemanha: Oxalá Editora, 2022a.
- ROMANO, P. A. B. Um baile de máscaras: cartas enviadas a personagens de Monteiro Lobato. *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, v. 15, n. 2, p. 69-82, 2022b.
- SILVA, R. A. da. *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*. 257 f. 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- TIN, E. *Em busca do Lobato das cartas: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 2007. 535 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- TIN, E. A Barca de Gleyre: uma raríssima “curiosidade”. In: LAJOLO, M. (org.). *Monteiro Lobato livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.
- VIANNA, A.; FRAINZ, P. (org.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV, 1986.